

12209 - Movimentação de acadêmicos e docentes em prol de um novo modelo de produção agropecuária agroecológico

Movement of students and teachers in favor of a new model of agroecology agricultural production.

ARRUDA, Rafael Sanches de¹; PIAN, Livia Bischof¹; ZUBEK, Larissa¹; HISANO, Luciane Kawashima²; SENA, José Ozinaldo Alves de³

1 Acadêmico(a) do curso de Agronomia da Universidade Estadual de Maringá - UEM, rafael_s_arruda@hotmail.com; 2 Profissional do curso de Zootecnia da Universidade Estadual de Maringá – UEM, lucianehisano@hotmail.com; 3 Docente do Departamento de Agronomia da UEM, joseozi@hotmail.com;

Resumo: Contrariando o modelo herdado da revolução verde nos quais se baseiam as instituições de ensino, surgem na década de 80 iniciativas de acadêmicos preocupados com o meio ambiente, unindo-se em grupos multidisciplinares, em prol de uma reforma na grade curricular, visando um novo modelo de produção agropecuária. Em 1987 surgiu o Grupo de Agricultura Alternativa de Maringá que mais tarde veio a se chamar Grupo de Agroecologia de Maringá. Atualmente o GAAMA é formado por alunos de vários cursos da Universidade Estadual de Maringá, dedicados em atividades administrativas e atividades na área experimental certificada pelo Instituto Biodinâmico. Semanalmente são realizadas reuniões onde são decididas as atividades da semana e discussões sobre questões relacionadas à agroecologia, são realizadas também viagens e visitas durante o ano. Hoje os ensinamentos agroecológicos extrapolam as reuniões e alcançam a comunidade em vários projetos desenvolvidos por seus integrantes.

Palavras -Chave: currículo, acadêmicos, orgânicos, solidariedade.

Contexto

Com a revolução verde na década de 50, houve muita transformação no setor agrícola, novas tecnologias foram inventadas, sementes com alto valor de rendimento, comercialização de insumos, ou seja, ocorreu uma disparada na tecnologia agrícola. É baseado na revolução verde que as Instituições de ensino de baseiam, introduzem na grade curricular dos acadêmicos, altas tecnologias, para que obtenham uma máxima rentabilidade da terra, com a máxima produção. BICA (2007) diz que não se pode pensar no ensino em agroecologia sem questionar as instituições de ensino e seus currículos monolíticos e estáticos, com agrupamentos de conteúdos que visam apenas atender um mercado determinado.

Segundo CAPORAL (2003, p.2) o Rio Grande do Sul, por tradição histórica e condições agroclimáticas, foi um dos primeiros estados brasileiros onde a revolução verde ganhou expressão, mas foi também pioneiro na luta ambientalista e na batalha contra as externalidades negativas dos pacotes tecnológicos, especialmente no que diz respeito aos agrotóxicos.

Somente há poucos anos atrás é que a agroecologia começou a se inserir nas instituições de ensino, preocupando-se com o meio ambiente os acadêmicos começaram a se unir em grupos multidisciplinares, por uma reforma na grade curricular das universidades, não somente nos centros de ciências agrárias, mas em todos os centros acadêmicos como as

sociais, humanas e saúde. A experiência é descrita na Universidade Estadual de Maringá - UEM, localizado na cidade de Maringá, no estado do Paraná e também nacionalmente, durante o período da década de 80 até a atualidade. O objetivo principal do relato é descrever a luta de profissionais e acadêmicos por uma reforma no modelo de produção agrícola, e a preocupação pela agressão ao meio ambiente.

A agroecologia permite contato com a extensão na sua complexidade, a interação com os diferentes conhecimentos, ecossistemas, atores sociais, movimentos sociais, o diálogo do conhecimento popular e acadêmico, a integração do tripé ensino-pesquisa-extensão; e a aproximação com o a realidade e com a prática numa perspectiva holística. PEREIRA (2007).

Descrição da experiência

As primeiras idéias e ações para formar o grupo surgiram em 1984 na UEM, quando a atual professora de Silvicultura da época, Sueli Sato, interessada em discutir as idéias da revolução ambientalista que estava acontecendo no mundo e no Brasil, reuniu alunos e organizou um grupo de estudos. Nele foram introduzidos temas como agroecologia, agricultura natural, ecologia, e produção sustentável.

Porém apenas em 1987 este grupo de estudos evoluiu para um grupo de estudantes organizado. Neste ano, dois eventos foram importantes, o primeiro foi a participação dos alunos no III Encontro Brasileiro de Agricultura Alternativa – EBAA, e o segundo foi a visita de José Lutzemberger à UEM, ambientalista do Rio grande do Sul que estava incentivando a revolução ecológica da época. Ambos os eventos consolidaram a idéia de que era necessaria a formação de um grupo organizado, com ações concretas, especificas e interdisciplinar, não apenas um grupo de estudos.

Assim no final de 1987 foi criado o Grupo de Agricultura Alternativa de Maringá – GAAMA, ainda com a ajuda dos professores que apoiavam o grupo e ainda sem um estatuto e uma organização interna bem estabelecida. Mesmo assim o grupo participou de eventos e desenvolveu ações principalmente no curso de agronomia incentivando o estudo e uso de técnicas alternativas no currículo de agronomia. O grupo continuou ativo durante vários anos, porém tendo formação inconstante, se reunindo eventualmente, porém sem deixar de existir.

Apenas em 1999, com o apoio do professor de recursos renováveis, José Ozinaldo Alves de Sena, o grupo retomou suas atividades e iniciando a busca pelo reconhecimento interno dentro da universidade e do centro de ciências agrárias. A primeira vitória foi o reconhecimento por parte do departamento de agronomia do GAAMA e a realização da primeira assembléia geral, com a eleição da primeira diretoria e do regimento interno.

Em 2002, vendo a importância de se realizar experimentos a fim de testar técnicas empíricas e acreditá-las cientificamente, é disponibilizada uma área de 6,5 há na Fazenda Experimental de Iguatemi – FEI, para que, através da colaboração dos professores, experimentos fossem desenvolvidos, além dessa área o GAAMA possui uma sala dentro da universidade, esta sala está localizada no bloco 111. Neste mesmo ano se inicia a busca pela certificação desta área, depois de diversas tentativas falhas, a solução foi realizar a certificação participativa na área juntamente com a Associação de Produtores

Orgânicos de Maringá – POMAR. Mesmo a área total experimental da universidade não sendo utilizada com manejo agroecológico, apenas uma parte da área é certificada pelo Instituto Biodinâmico – IBD em 2005, tendo em vista sua finalidade experimental.

Neste ano também o grupo muda de nome, se tornando Grupo de Agroecologia de Maringá e não mais de Agricultura Alternativa, tendo em vista que agroecologia se tornava a ciência que engloba todas as outras agriculturas alternativas. A partir deste ano os primeiros projetos de extensão e de pesquisa financiados pelo governo foram aprovados, aumentando-se a área de atuação e criando vínculos com varias comunidades da região.

Em 2007 com a reforma do currículo da agronomia e zootecnia, surge a oportunidade de acrescentar à estas disciplinas que estejam diretamente ligadas à agroecologia. Assim são inseridas na grade curricular de agronomia a disciplina de Agroecologia e Desenvolvimento sustentável, ministrada no 3º ano. E no curso de zootecnia é criada a disciplina de Bem estar animal. Ambas permitem que a agroecologia interpretada pela maioria das pessoas mude dentro dos cursos, permitindo que todos os alunos tenham contato com esta ciência.

Com o aumento de professores apoiadores e com a necessidade aumentar a área de atuação é criado em 2009 o Núcleo de Agroecologia e desenvolvimento sustentável – NADS, que engloba o GAAMA e diversos outros grupos de pesquisa e extensão da universidade, sendo esta a forma de organização que permite a maior captação de recursos dentro e fora da universidade e que busca unir diversas formas de organização, unindo em torno de uma organização as diversas formas de atuação que a agroecologia apresenta na universidade.

Resultados

Para a sua organização, o GAAMA possui um regimento interno próprio e um estatuto, onde estão descritos os objetivos, as diretrizes e a organização do grupo. Os membros são divididos em membros efetivos e membros apoiadores, subdivididos em coordenadorias e subgrupos, que são responsáveis por organizar as questões administrativas e as atividades na FEI. Uma vez ao ano, é realizada uma assembléia geral, onde novos membros são inseridos ao grupo e uma nova equipe administrativa é formada.

Na atualidade, o GAAMA constitui-se por quinze membros, divididos entre os cursos de agronomia e zootecnia, com participantes apoiadores que são graduandos nos cursos de agronomia, filosofia e geografia, o que mostra a interdisciplinaridade na formação de um grupo de agroecologia, onde apresenta diferentes áreas de atuação e abrange várias áreas de conhecimento.

Em suas atividades, o GAAMA realiza encontros semanalmente, onde ocorre o planejamento de atividades práticas em experimentos que os acadêmicos participantes do grupo realizam na Fazenda Experimental de Iguatemi e ainda são realizadas palestras, apresentação de textos, vídeos e discussões que envolvam a agroecologia, visando o aperfeiçoamento dos conhecimentos dos membros sobre os temas que envolvem o grupo. No decorrer do ano, são feitas visitas a propriedades rurais e, nos últimos cinco anos, viagens de estudo para centros de pesquisa e/ou comunidades rurais e agricultores

que desempenham a sua produção agrícola com base agroecológica, assim como participações em Congressos, jornadas e encontros com base agroecológica. Alguns membros do GAAMA atuam em projetos de extensão com agroecologia, onde transmitem na prática os ensinamentos expostos nas reuniões semanais para assentamentos, comunidades rurais ou urbanas e periurbanas, como as hortas comunitárias.

Nos anos de 2009 e 2010, o GAAMA desenvolveu cursos básicos de ensino em agroecologia, na busca de propagar as ideias e ensinamentos que a agroecologia propõe para o meio acadêmico, levando ideais para a discussão frente ao sistema de produção proposto pela “Revolução verde” atualmente em vigor na agricultura mundial. Até o ano de 2010, o grupo participou de projetos de extensão desenvolvidos pela universidade em seus campi, como o projeto “UEM nos Bairros” que teve a finalidade de divulgar a agricultura de base ecológica nas suas respectivas populações.

O GAAMA através de suas ações e pela atuação de seus membros também é reconhecido pela comunidade não só acadêmica, mas também por produtores rurais familiares e assentados. Atuando junto à “Associação de Produtores Orgânicos de Maringá – POMAR”, participando da certificação participativa da associação e certificação de uma área experimental específica na FEI.

Com esse modo de organização, de se estudar e praticar a agroecologia, o GAAMA vem ganhando espaço nos cursos de ciências agrárias da universidade, além de permitir o maior contato da academia com os ensinamentos propostos pela agroecologia e suas correntes de pensadores. Essa conquista é expressa atualmente no currículo do curso de graduação em agronomia, da UEM, onde foi inserida em sua grade curricular a disciplina de agroecologia e desenvolvimento sustentável, permitindo que os conhecimentos desta ciência cheguem à um maior número de acadêmicos, mudando, ainda que lentamente, o foco da formação acadêmica que hoje existe em vários cursos de agronomia e ampliando a consciência ecológica nos profissionais das ciências agrárias.

Agradecimentos

Ao corpo docente da Universidade Estadual de Maringá, especialmente aos professores coordenadores do Núcleo de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável, pela colaboração na construção e desenvolvimento do GAAMA na Universidade Estadual de Maringá.

Bibliografia Citada

BICA, Gabriela S., HOELLER, Silvana, GANDIN, Rosangela V., PAGLIA, Edmilson C. **Educação e agroecologia: caminhos que se completam**. Rev. Bras. Agroecologia, v.2, n.2, out. 2007.

CAPORAL, Francisco R. **Superando a Revolução Verde: A transição agroecológica no estado do Rio Grande do Sul, Brasil**. Santa Maria-RS, março de 2003.

PEREIRA, Monica C. B. **A Experiência da Perspectiva da Agroecologia na Formação Universitária**. Rev. Bras. Agroecologia, v.2, n.1, fev. 2007.